

S. João de Areias de Vilar

AREIAS de Vilar, orago S. João Baptista, é actualmente formada por três freguesias: S. João Baptista de Areias de Vilar, Santa Maria Madalena de Areias de Vilar e S. Salvador de Vilar de Frades.

Vilar quer dizer parte da *vila*, quinta ou granja em que ela se desmembrou, povoado, aldeia (1).

O nome de *Areias* vem a esta freguesia e às circunvizinhas suas homónimas do *areal* que há junto ao rio Cávado.

A freguesia de S. João de Areias é muito antiga; aparece já nas Inquirições de 1220 com designação:

— «De Sancto Johanne de Arenis, nas Terras de Penafiel de Bastuzo ».

Estas Inquirições dizem que «o rei tem aqui *quebradas*» (2) e dão o terço do pão e do linho. E isto deu o rei D. Sancho a D. Pedro Salvadores por carta (3).

Esta freguesia passou a ser um curato da apresentação do Reitor do Convento de Vilar de Frades desde 1439, ano em que o Arcebispo D. Fernando da Guerra a uniu

(1) Padre António Q. Pereira, Trad. Pop. pág. 315.

(2) Elucidário de Viterbo, vol. II, pág. 171 v. *Quebradas II* -- Propriedade ou terra pequena, insignificante casal.

(3) Port. Mon. Hist. — Inquisitiones.

àquele convento, pela renúncia que dela fez o seu último abade Afonso Anes, quando se fez frade loio.

A sua pequena Igreja Paroquial ainda hoje existe e nela se exerce culto.

Está dentro de uma bouça particular, quase oculta pelos pinheiros, ao nascente da cerca do convento, e dela segue ao lado do caminho uma fila de cruzeiros até às almas do Padrão.

A freguesia da Madalena de Vilar é também antiga; não sei porém o motivo porque não vem naquelas Inquirições.

Existe uma linda cruz gótica de cobre dourado, de grande valor estimativo, que pertenceu à Madalena.

Era esta freguesia um curato da apresentação do convento; suprimida porém não sei quando (1), foi unida à de S. João de Areias.

A sua Igreja Paroquial, sita no lugar da Madalena, ainda está aberta ao público.

É pequena, aumentada porém com um grande alpendre ou cabido sustentado por quatro colunas de ferro.

Dentro da porta principal, do lado da epistola, vê-se a seguinte inscrição gravada em pedra: — «Obrigação q. fizerão os moradores desta freguesia no ano de 1787 com Manuel da Conceição de Vilar de Frades de lhe resarem três orações em quanto o mundo durar quando fizerem suas resas a primeira por lhe colocar a imagem de Santo António a segunda pelo Cruzeiro e a 3.^a pelo cabido em que...».

Ao lado da Igreja, na parede que veda o Adro, está um pequeno torreão, com um único sino, por cima do qual

(1) Em 1527 ainda tinha vida independente, como se vê no Censo da População daquele ano.

tem a data de 1852, e em frente, ao fundo de um estreito terreiro, estava o Cruzeiro Paroquial do qual hoje apenas existe a base.

S. Salvador de Vilar de Frades ficava no centro destas duas freguesias, a de S. João a leste e a da Madalena a oeste, e compreendia o convento, a cerca e pouco mais.

Aparece nas Inquirições de 1220 com a designação: — «De Vilar de Frades de Couto de Várzea», nas Terras de Faria.

O Reitor do Convento era o abade desta freguesia e sua matriz a Igreja do mesmo.

Quando em 1834 foram suprimidos os conventos em Portugal, extinto este, foi também extinta a freguesia de S. Salvador e anexada à de S. João de Areias de Vilar.

Nessa mesma ocasião, por a Igreja de S. João ser muito pequena, foi transferida a matriz destas três freguesias, que constituem a actual, para a Igreja do convento e dada uma parte deste, o antigo noviciado, para Residência Paroquial.

O convento de Vilar de Frades é um dos mais antigos da província.

Foi fundação de S. Martinho, bispo de Dume, segundo a Regra de S. Bento, pelos anos de 566 da era cristã.

Destruído completamente na ocasião da invasão dos árabes, foi restaurado em 1070 por D. Godinho Viegas, bisneto de D. Arnaldo de Bayão, e anos depois, em 1104, ampliado por uma sua parente D. Gotinha.

D. Sancho I, a pedido de D. Pedro Salvadores, representante do primeiro restaurador, deu-lhe privilégio de couto.

Nos princípios do século XIV D. Beringeira Ayres, sendo Herdeira e Padroeira de vários conventos, entre os

quais o de Vilar de Frades, doou em 12 de Agosto de 1302 o padroado e jurisdição que tinha sobre este a D. Geraldo, bispo do Porto.

Das épocas florescentes do mosteiro beneditino nada mais nos consta.

Sabemos apenas que foi gradualmente caindo em decadência até que em 1400 já estava despovoado de monges, tendo passado por isso a abadia secular, sob o padroado do Arcebispo de Braga.

Em 1420 três doutores: —Mestre João Vicente, Lente de Medicina na Universidade de Lisboa e Físico de el-rei D. João I, Martinho Lourenço, Doutor em Teologia pela mesma Universidade e afamado Pregador e D. Afonso Nogueira, Formado *in utroque fure* pela Universidade de Bolonha, reuniram-se com o seu comum amigo Lourenço Anes, Prior da freguesia de S. Julião, no intuito de deixarem os cómodos da vida e irem missionar os povos das aldeias. Estabeleceram-se primeiramente na freguesia dos Olivais e aí iniciaram uma vida penitente e austera, vestindo hábito de pano grosseiro, até que, não se sabe o motivo, o Prior daquela freguesia os expulsou.

Seguindo para o norte, chegaram ao Porto, onde o bispo D. Vasco II os recebeu carinhosamente e os recolheu na Igreja de Campanhã.

Com a transferência porém deste bispo para a diocese de Évora, o cura de Campanhã também os expulsou da sua residência.

Mestre João, com seu companheiro João Rodrigues, marchou para Braga, e ali apresentou-se ao Arcebispo D. Fernando da Guerra, que os hospedou no próprio Paço e prometeu que lhes daria a primeira Igreja que vagasse.

Vagou Vilar de Frades e o arcebispo, cumprindo a sua palavra, deu-lhes esta freguesia e colocou nela Mestre João Vicente no ano de 1425.

A Igreja e Residência, antigo mosteiro beneditino, estavam em ruínas, mas Mestre João o novo abade em breve tudo reconstruiu.

Em seguida, deixando em Vilar João Rodrigues, foi a Lisboa e, reunindo todos os seus antigos companheiros, trouxe-os para aqui.

Deu-lhes Estatuto, vestindo hábito de burel.

Em 1429 Mestre João Vicente e Martinho Lourenço acompanharam a Princesa D. Isabel à Borgonha, quando do seu casamento com o Duque Filipe c O Bom», e dali seguiram para Roma onde foram muito bem recebidos pelo Papa, conseguindo dele a aprovação do seu pio instituto em 20 de Janeiro de 1431.

O Papa deu-lhes o hábito azul e a Regra da Congregação de S. Jorge d'Alga com o título de «Cónegos Seculares de S. Salvador de Vilar de Frades», e desmembrou o convento dos bens do Arcebispo.

Estes padres foram conhecidos por vários nomes: «Bons Homens de Vilar — Congregados de S. Salvador — Cónegos Seculares de S. Salvador — Cónegos Seculares de S. João Evangelista e Lóios».

Uma das grandes vantagens da congregação era o *egresso* e o *regresso*: deixavam a vida monástica quando e quantas vezes lhes convinha, podendo voltar novamente a ela.

Permanecem neste convento até à extinção das ordens religiosas em 1834.

Foi o primeiro que os lóios tiveram em Portugal e cabeça de toda a ordem até à sua transferência para Xabregas em Lisboa no tempo de D. Afonso V.

Tão notável se tornou que foi sede de um Couto e o seu Reitor era Padroeiro de quinze freguesias a saber: Santa Maria Madalena de Areias de Vilar, S. João de Areias de Vilar, S. Bento da Várzea, Encourados, Moure,

Pedra Furada, S. Jorge de Airó, Góios, Manhente, S. Vicente de Areias, Roriz, Gemezes, Mariz e Rio Tinto (1).

Alguns escritores porém lhe dão a apresentação em dezanove ou vinte freguesias (2).

O Reitor era ainda Examinador Sinodal do Arcebispado de Braga, Senhor e Capitão-Mor, Caudel-Mor e Alcaide-Mor dos Coutos de Manhente e S. João de Areias, para onde mandava Juizes, nomeava oficiais e conhecia das causas eiveis, logrando outras jurisdições.

À modesta restauração da Igreja e Convento de D. Godinho Viegas sucederam-se, com a melhoria das condições económicas e necessidades do culto, várias e sucessivas reconstruções, e ampliações algumas das quais não se pode precisar bem as datas em que foram feitas.

Uma dessas devia ser no século XII (3), da qual ainda resta o magnífico pórtico românico, se na verdade era daqui, encaixado mais tarde na parede da torre do lado sul.

À reconstrução dos loios de 1425 sucede a ampliação e reconstrução manuelina, patrocinada pelo arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, entre os anos de 1505 a 1532. O que o templo tem de belo e sugestivo deve-se a esta obra!

Sofre nos séculos posteriores vários restauros e reformas, verdadeiros atentados ao seu estilo e arte predominante, chegando ainda assim até nós revestido de uma beleza e magnificência empolgante.

(1) Céu Aberto na Terra, pág. 399 e seguintes.

(2) Arnaldo da Gama —O Sargento-Mor de Vilar — Nota I — pág. 424.

(3) Padre Aguiar Barreiros —A Igreja de Vilar de Frades - pág. 9.

Foi considerado monumento nacional e pena é que quem tem obrigação não lance um olhar misericordioso para ele, ordenando pelo menos as obras necessárias à sua conservação, sem as quais dentro em breve será um montão de ruínas!

A fachada era ladeada por duas torres ameiadas, onde estavam o relógio e o despertador (1), subsistindo apenas a do norte.

A outra, a do sul, por qualquer motivo foi demolida e no mesmo lugar começada a sua reconstrução, ficando porém incompleta por ainda andar em obras na ocasião da expulsão dos frades.

Dá ingresso ao templo um belo pórtico manuelino, ao fundo de um átrio abobadado que vem facear com as duas torres.

A Igreja é de uma só nave, em forma de cruz latina, e toda em abóbada manuelina.

Tem seis capelas laterais, a primeira das quais, à entrada da porta principal, do lado da epístola, era da família Magalhães Vilas Boas, de Barcelos, e na sepultura ao centro, no chão, tem a seguinte inscrição: =«S.^a DE. DIOGO. DE. VILAS. BOAS. CAMINHA. E. SEVS. SVCESSO-RES. DESTE. MORGADO —1645.

As outras o que têm de mais notável, além da talha dos seus altares, é o revestimento das paredes em azulejos com figuras e imagens pintadas nos mesmos.

Na segunda tem nos azulejos do lado da epístola — «Nicolau de Freitas a pintou» — e do lado do evangelho — «Bartolomeu Antunes a fez em Lisboa anno de 1736».

Na terceira tem — «Bartolomeu Antunes a fez em Lisboa anno de 1742».

(1) Céu Aberto na Terra, pág. 377.

Em frente a estas, há outras tantas capelas, algumas delas também com azulejos nas paredes, onde são representados os fundadores e outros padres distintos da Congregação com letreiros alusivos.

É a parte mais deteriorada do templo em que alguns altares estão quase a desabar.

A abóbada do corpo da Igreja, e muito mais a da Capela-Mor, está fendida e ameaça ruína.

Ao entrar a porta principal, em frente à primeira capela, do lado do evangelho, vê-se no pavimento uma sepultura rasa com a seguinte inscrição: = S.^a DE. MANUEL. LOPES. LOUREIRO DA. FREGUEZIA. DE. MOURE. PARA ELLE. E. SEUS. DESCENDENTES. —1762.

Pertencia à Casa de Agrodel daquela freguesia.

No transepto havia várias, mas só em duas se podem ler inscrições incompletas.

Em uma vê-se ainda: AQVI. IAS. HO. CORPO. DO. BISPO FALECEV. EM. BRAGA. AOS 6. DE 7B.^o DE. 1596.

Era a de D. Francisco de St.^a Maria, Frade laio, Bispo de Fez e coadjutor do Arcebispo de Braga.

Em outra lê-se: —S.^a DE. DONA. CHRISTINA. DA. GAMA. PRADO. MULHER. QUE. FOI. DE. BELCHIOR. RISCADO. DE. RO

Segundo se lê na Crónica da Congregação de S. João Evangelista repousavam nesta Igreja em 1697, pessoas de primeira nobreza.

Assim D. Godinho Viegas e sua mulher D. Maria Soares, D. Pedro Salvadores e sua mulher D. Sancha Martins, Nuno Aranha, Alcaide-Mor de Pombal, D. Teresa de Mendonça e seus descendentes, D. Leonor de Lemos e seu sobrinho Fernão Pereira, Senhor de Angeja, Diogo Lopes Homem, Comendador de S. Romão, Gas-

par Pereira e sua mulher D. Ângela de Sá, Diogo Correia, da Casa de Fralães (1) e muitos outros.

Nela também tinham sido enterrados Joane «o Pobre» e o Abade Santo, aquele frade beneditino a quem se refere a lenda «O frade e o passarinho».

No lugar competente ainda se encontra a antiga pia baptismal em estilo gótico.

A Sacristia, ampla e bem iluminada por rasgadas janelas, contém ainda objectos de valor, como são os seus grandes gavetões, quatro telas dos evangelistas, mesa e lavatório de mármore, etc.

Havia muita prata e alfaia para o esplendor do culto, mas tudo *desapareceu* na ocasião da extinção do convento.

Este, um velho casarão, foi completamente abrasado por um incêndio na noite de 19 de Agosto de 1898, excepto a Igreja, a Residência Paroquial e o Celeiro, este por ser de abóbada.

Reconstruído em seguida o edifício tal como era exteriormente, menos o lado sul que ficou em andar baixo, parte está servindo de habitação dos seus proprietários e parte de laboração e arrecadação da sua importante casa agrícola.

(¹) «Debaixo da torre velha, fiferão os Senhores de Farellães (descendentes do novo Josué da Ley da Graça, o infigne D. Payo Peres Correia) sua cappella com porta para o claustro: nella eftão fepultados Gonçalo Correia, & fua mulher D. Margarida de Prado, & fua cunhada D. Maria de Prado: Diogo Correa, & fua mulher D. Ifabel, & seu irmão D. Nuno Alvarez Pereyra, & outros muitos fidalgos daquela casa».

Céu Aberto na Terra — P.^e Francisco de Santa Maria, pág. 379.

Esta capela já não existe; talvez desaparecesse quando da demolição da torre.

Digno de ser visitado ainda hoje é o seu escadório da entrada nobre, com porta para o adro da Igreja.

Possuía este convento uma notável livraria, instalada em um salão tão amplo que servia de aula e às vezes de sala de Capítulo.

Os seus livros, os que escaparam aos roubos e depredações que se seguiram à extinção dos conventos, foram distribuídos por várias terras, vindo alguns para a Câmara Municipal de Barcelos, onde foram amontoados em uma loja escura e húmida até 1886, ano em que, com os que resistiram à traça e à podridão, se organizou uma pequena biblioteca.

O relógio também veio para Barcelos e foi colocado na torre da Câmara Municipal.

No terreiro interior, a que dá acesso a portaria do Convento, há ainda um lindo chafariz, dos princípios do século XVII, de uma coluna, encimado por uma coroa real sustentada pelas cabeças de quatro águias. A água cai por quatro bicas em um bem trabalhado tanque.

No largo de trás do edifício, no sítio onde foi o antigo refeitório, vê-se um outro chafariz de duas taças e quatro bicas cada uma, rematado pela figura de um homem vestido à moda da época e em um escudo ao lado a data 1732.

Este chafariz veio para aqui do claustro junto à Igreja.

Em escavações feitas em uma devesa que cobre um outeiro ao sul do convento, encontraram-se ultimamente vestígios de várias construções; devem ser os restos das catorze capelas do calvário.

Disseminadas pela cerca existiam ainda outras das quais se destacavam a do Presépio e a do Passarinho. Esta foi construída no lugar onde se dizia que esteve *encantado* o tal frade beneditino a ouvir o *canto* da avezinha.

De todas estas as que ainda existiam foram mandadas arrasar pelo seu primeiro proprietário leigo.

A cerca deste convento constitui hoje uma das mais, senão a mais, importante quinta agrícola deste concelho.

São muito apreciados em toda a parte os afamados melões de Vilar de Frades aqui cultivados.

Nesta freguesia existem ainda as capelas que vamos mencionar.

Capela do Socorro. De reconstrução moderna ergue-se no cimo de um bem lançado escadório.

Na padieira da sua porta principal vê-se gravada a seguinte inscrição: — «Nossa Senhora do Socorro 1812» — e na porta travessa, esta: — «S. M. SVCORRE MISERIS».

Na frontaria corre um amplo alpendre de quatro colunas de ferro e a facear com aquela do lado direito ergue-se um torreão com dois sinos, tendo por cima do maior a seguinte inscrição : — « Oferecido por Manuel da Boa fortuna e sua esposa Ana d'Oliveira ano de 1900».

Em baixo, no terreiro que se estende desde o escadório até à estrada, está um cruzeiro sem inscrição e ao lado deste um marco das terras do convento que diz em uma das faces — «Vilar 1679».

Junto a esta capela efectua-se todos os anos no verão uma romaria e feira muito concorrida de gente da vizinhança.

A Capela da Madalena. Foi a antiga matriz da freguesia de Madalena e à qual já nos referimos.

Capela de S. João. Foi a matriz da freguesia de S. João de Areias e à qual também nos referimos.

A Capela de S. Sebastião. Está situada no lugar do seu nome, nos limites desta freguesia e da de Encourados. É antiga e nela já se não exerce o culto por estar quase em ruínas.

Existem os seguintes Nichos: o do *Socorro*, as bem conhecidas alminhas de Vilar, o do Padrão, com alpendre e bancos, datado de 1776, o do *Eirígo* e o de *Santo António*.

O Cemitério Paroquial tem no seu portão gravada a data de 1885.

Esta freguesia está situada em vale ameno na margem do rio Cávado e é terra fértil e abundante de águas.

As suas Fontes públicas são: a do Loureiro, a do Eirigo e a da Quintão.

É atravessada pelo ribeiro de Vilar que nasce na freguesia de Martim, que engrossado com as nascentes do monte de Airó vai lançar-se no Cávado.

Confronta do nascente com a da Pousa e a de Encourados, do sul com a de Adães, do poente com a de Santa Eugénia de Rio Covo e do norte com o rio Cávado.

É servida pela estrada Distrital de Esposende a Braga, que passa pela sua extremidade sul, e pela estrada que desta vai até ao Convento, mandada construir por D. Margarida Alves, 2.^a proprietária do mesmo, pelo sítio por onde passava a antiga calçada.

No cruzamento das duas estradas está uma lápide com os seguintes dizeres: — «Travesso do Barco de Vilar B. J. M. 1858».

Pelo censo da população de 1527 tinha a freguesia da Madalena 18 moradores, S. João de Areias 35 moradores e Vilar de Frades 97 moradores.

Quanto a esta última há confusão e engano que não percebo.

Assim aquele censo diz:

= «Titullo do jullguado de Penafiell —o mosteiro e freguesia de Vilar de Frades *que tem dentro a freguesia de Midóes* 97 moradores.

O mesmo censo porém em outro lugar diz — «Julgado de Farya — a freguesia de Mydões 18 moradores ».

Fica-se pois sem saber ao certo quantos moradores tinha a freguesia de S. Salvador de Vilar de Frades naquela época. No século XVII a Corografia do P.^e Carvalho traz englobada a população das quatro freguesias que constituíam o Couto de Vilar: S. Salvador, S. João, Madalena e Encourados e atribui a todos 200 vizinhos. No século XVIII «O Portugal Sacro e Profano» não traz a freguesia de S. João de Areias e dá às duas freguesias, Madalena e S. Salvador, a população de 80 fogos. No século XIX S. João de Areias de Vilar, à qual já estão unidas as da Madalena e S. Salvador, tinha 654 habitantes e pelo último censo da população tem 667 habitantes, sendo 289 varões e 378 fêmeas, sabendo ler 137 homens e 77 mulheres.

Tem escola oficial que funciona em casa arrendada.

Houve aqui uma antiga Escola de primeiras letras que veio ainda até nossos dias.

Possuo cópias de alguns relatórios, feitos pelo respectivo professor, referentes aos anos de 1827 e posteriores.

Os seus lugares habitados são: Estrada, Bouça, Aldeia, Monte, Vilar, Quintão, S. Sebastião, Loureiro, Quintela, Souto, Outeiro, Socorro, Campos, Assento, Aveleiras, Barreira, Pedreira, Lages, Montinho, Casalopo, Burguete, Eirigo e Sabastopol.

As suas casas mais importantes são: a dos Cunhas, a da Aldeia, a da Madalena, a das Carvalheiras, a dos Rebelos, a de Vilar (antigo convento), a de Casalopo, as do Montinho de Baixo e de Cima, a do Assento e a do Bexiga.

A sua indústria exerce-se com vários moinhos, engenhos de serrar madeira, um açude no Cávado onde também há moinhos e quatro engenhos de pesca.

No distrito desta freguesia, no rio Cávado, junto a outro açude, no sítio da Penida, está a Instalação Hidráulico-Eléctrica da Furada da Sociedade de Electricidade do Norte de Portugal, com sua sede no Porto.

Concessionária da iluminação pública e particular da cidade de Braga, cuja inauguração oficial foi em 1 de Julho de 1893, rescindiu há anos esse contrato, ficando a fornecer energia eléctrica à Estação Elevatória das águas do Cávado para aquela mesma cidade.

Sendo-lhe adjudicado em 1917 o fornecimento da iluminação pública e particular para a vila de Barcelos, foi inaugurado este grande melhoramento em 7 de Fevereiro de 1918.

Desde então vai estendendo a sua acção benéfica a esta antiga vila, hoje cidade, e ainda a algumas freguesias rurais, fornecendo energia eléctrica não só para a luz como para motores destinados à indústria.

O comércio nesta freguesia está reduzido a duas lojas ou mercearias.

Tem duas caixas do correio.

Deixando na paz das velhas crónicas monásticas os inúmeros varões ilustres que em letras e santidade floresceram no antigo e histórico convento de Vilar de Frades, mencionaremos apenas algumas personagens cujos nomes andam ligados a esta freguesia.

D. Godinho Viegas, o restaurador em 1070 do mosteiro beneditino de Vilar de Frades, era filho de Egas Gozendes de Bayam, ascendente dos Azevedos.

Casou com D. Maria Soares, filha de D. Soeiro Guedes, *o que fundou o mosteiro da Várzea*; «casou com ella por fuiz o omezio, cá um irmão de D. Godinho Viegas matou a molher de D. Sueiro Mendes e era a madre desta com quem elle casara; e fege nela Pay Godino. E este D. Godinho Viegas leixou esta molher

e matou-o por ende D. Pay Guterres, *o que fez Tibães*; e este D. Pay Guterres cegou por ende. D. Truito Gozendes, que era primo com irmão de D. Godinho Viegas, o não quiz matar porque D. Pay Guterres era adeantado d'elrey, mas cegonho de ambos os olhos. E este D. Pay Guterres, pêro era leigo, foi abbade em todo o tempo de sã vida de Tibães ».

Para temperar a minha ensossa e desenxabida prosa transcrevi do Livro de Linhagens — Port. Mons. Hist. pág. 168 — o que a esse respeito aí se diz.

Fica desta maneira o leitor sabendo os factos mais importantes deste nosso herói e os dos outros fundadores de vários mosteiros circunvizinhos.

Heitor Gonçalves Pereira, cavaleiro da Casa de EI-Rei, casado com Madalena Fernandes, filha de Álvaro Fernandes, natural de Vila do Conde, e irmã de D. Francisco de Santa Maria, frade Loyo e bispo de Fez, fundou em 28 de Junho de 1574 o vínculo da Madalena, na freguesia do mesmo nome. Domingos de Vilas Boas Truão, tirou brasão em 23 de Agosto de 1769.

Baltasar José Martins, 1.º proprietário do convento de Vilar de Frades e bemfeitor da Misericórdia do Porto.

E ainda em nossos dias João Evangelista da Silva Matos, banqueiro naquela cidade, Narciso José da Silva Matos e Joaquim Domingos Ferreira Cardoso, proprietário, que mandou reconstruir o convento após o incêndio, etc.

Por estas abençoadas terras, nas margens do Cávado, correm lendas e contos fantásticos, como nas margens do Reno, acerca de personagens imaginárias e de factos que nunca se deram.

Prepassando alguns pela imaginação exaltada dos velhos cronistas monásticos, outros trazidos pela tradição oral de lugares e tempos afastados, são o assunto de poéticos

contos narrados durante os longos serões das noites de inverno nas nossas aldeias.

Desenjoativamente nos referiremos aqui a algumas dessas lendas.

Assim temos como passadas nesta freguesia as lendas de «o frade e o passarinho» ou «o Abade santo» e «a formação do areal de Gahide», que vão narradas em outro lugar (1).

O P.^e Francisco de Santa Maria, cronista da Congregação de S. João Evangelista, conta casos estupendos sucedidos no convento de Vilar de Frades. Respiremos alguns.

Certo dia um noviço convidou os seus colegas para uma merenda no ante-côro da Igreja.

Aceitaram contentes a ocultas dos mestres.

Julgando porém que lhes seria servida uma refeição frugal, um simples passatempo, qual não foi o seu espanto quando lhes é apresentada uma opífera comezaina em que não faltavam os mais raros e exquisitos manjares.

Como mesmo entre os frades, traidores houve algumas vezes, chegou este facto ao conhecimento do Prelado que imediatamente mandou chamar o anfitrião para o castigar.

Não foi possível, porém, por mais que o procurassem, encontrá-lo.

Apurou-se por fim que o diabo, o autor de tal façanha, o tinha levado vivo para o inferno, talvez para lhe aproveitar as suas boas qualidades de cozinheiro.

O bom Reitor ficara desconsolado por não poder castigar o delinquente e talvez ainda mais por não ter provado ... da merenda.

(1) Divagando — a publicar.

Outro caso estupendo foi o sucedido em 20 de Janeiro de 1616.

Desencadeou-se nessa noite uma furiosa tempestade que ficou memorável na história.

Estas terras foram duramente açoitadas nessa ocasião.

Os frades, espavoridos, acolheram-se à Capela-mor da sua Igreja. Quando o Reitor se dirigia para o coro, *ouvindo umas vozes*, parou e junto a ele caiu uma das ameias da torre que por um triz o não mata.

Era tal a fúria do vento que arrombou a porta principal da igreja, fez cair os frades na capela-mor, *descompondo-lhes os hábitos e sobrepelises*, mas, caso raro, não apagou as velas, que seguravam acesas nas mãos!

No dia seguinte certa mulher que tinha o diabo incubo, porque *falava várias línguas, sabia e descobria cousas ocultas*, segundo refere o cronista, começou a gritar que estava muito cansada, pois tinha trabalhado de noite na tormenta, empregando todos os esforços para destruir a Igreja de Vilar, o que não conseguira por causa do sino grande da torre que *era bento e consagrado ao Evangelista*.

E se não fosse essa circunstância o diabo teria com certeza arrasado este belo e artístico templo; o que ele porém, não conseguiu fazer então, está-o realizando a incúria dos nossos contemporâneos que é mais forte que o poder de todos os diabos.